

Aula 15 – Conflitos no Oriente Médio (Parte 1): A Questão Israel-Palestina

Desvendando o Coração do Conflito: A Questão Israel-Palestina

Você já se perguntou por que algumas regiões do mundo parecem estar em um ciclo interminável de tensões e confrontos? O Oriente Médio, com sua rica história e complexa tapeçaria cultural, é um desses lugares. E no centro de muitas dessas discussões, encontramos a intrincada questão Israel-Palestina, um conflito que ressoa globalmente e molda a geopolítica de maneiras profundas. Entender suas raízes não é apenas um exercício acadêmico; é uma chave para decifrar muitos dos desafios contemporâneos.

Nesta aula, embarcaremos em uma jornada para compreender as camadas que compõem esse conflito. Nosso objetivo principal é desvendar os principais eventos e atores que o definem, desde suas origens históricas até os desafios mais recentes. Ao final, você será capaz de analisar criticamente as raízes e a evolução da questão Israel-Palestina, identificar os principais marcos históricos e acordos de paz, e compreender a dinâmica de poder regional que influencia o cenário.

Imagine que você está montando um quebra-cabeça complexo. Cada peça representa um evento, um ator ou uma decisão que, ao longo do tempo, se encaixou para formar o cenário atual. Conectar esses pontos nos permitirá não apenas memorizar fatos, mas realmente entender as causas e consequências, preparando você para discussões mais aprofundadas, análises em provas de concurso ou mesmo para uma compreensão mais rica das notícias diárias.

Para começar, vamos revisitar o que você talvez já saiba sobre a região, como a importância estratégica do Oriente Médio e a diversidade de seus povos. Essa base nos ajudará a construir um entendimento sólido sobre como as aspirações de diferentes grupos se chocaram, dando origem a um dos conflitos mais persistentes da história moderna.

As Sementes de um Conflito: Raízes Históricas Profundas

Para entender a questão Israel-Palestina, precisamos voltar no tempo, muito antes das manchetes de hoje. Pense em um rio que nasce de várias nascentes distantes e, ao longo de seu curso, recebe afluentes que o tornam cada vez mais caudaloso. O conflito no Oriente Médio é como esse rio, com suas nascentes em eventos históricos e movimentos ideológicos que se desenvolveram ao longo de séculos, culminando na complexa situação atual. Não é um evento isolado, mas o resultado de uma confluência de fatores.

Movimento Sionista

Impulsionado pela crescente perseguição aos judeus na Europa (o antissemitismo), o sionismo propunha o retorno e o estabelecimento de um lar nacional judaico na Palestina, que era considerada a terra ancestral do povo judeu.

Identidade Palestina

Paralelamente, a população árabe que vivia na Palestina há séculos desenvolvia sua própria identidade nacional, buscando autodeterminação e independência do Império Otomano, que controlava a região.

A colisão dessas duas aspirações nacionais, ambas legítimas em suas próprias perspectivas, era quase inevitável. É como duas famílias que, por gerações, sonham em construir sua casa no mesmo terreno, cada uma com suas razões históricas e emocionais para reivindicá-lo. O terreno, neste caso, é a Terra Santa, um local de profunda importância religiosa para judeus, cristãos e muçulmanos.

A Primeira Guerra Mundial e o colapso do Império Otomano foram o catalisador que transformou essas aspirações em um problema geopolítico concreto. As potências europeias, especialmente a Grã-Bretanha, começaram a redesenhar o mapa do Oriente Médio, muitas vezes sem considerar as realidades étnicas e religiosas locais.

O Mandato Britânico e a Promessa de Dois Lares

Após a Primeira Guerra Mundial, o Império Otomano foi desmembrado, e a Liga das Nações concedeu à Grã-Bretanha o **Mandato Britânico sobre a Palestina**. Este período, de 1920 a 1948, é crucial porque foi quando as tensões entre as comunidades judaica e árabe na região se intensificaram dramaticamente. Os britânicos se viram em uma posição delicada, tentando equilibrar promessas conflitantes feitas durante a guerra.

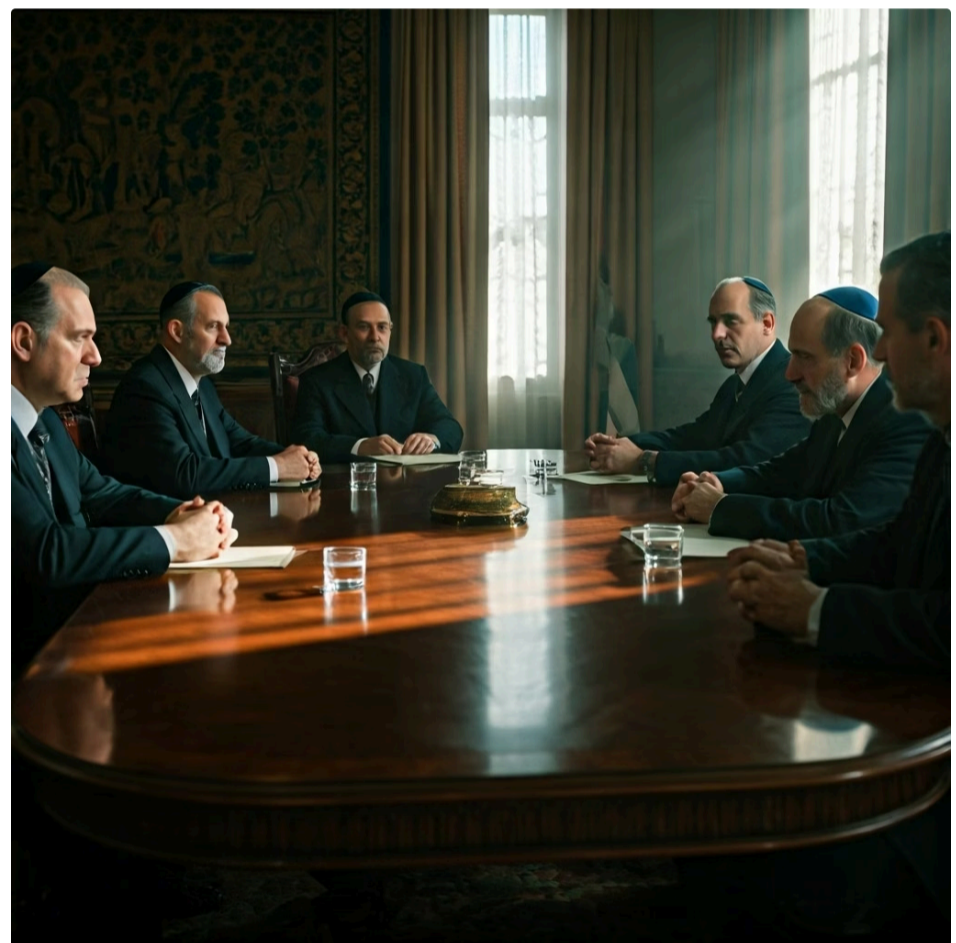
Declaração Balfour (1917)

O governo britânico expressou seu apoio ao estabelecimento de um "lar nacional para o povo judeu" na Palestina, desde que "nada fosse feito que pudesse prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não-judaicas existentes na Palestina".

"O Governo de Sua Majestade vê com favor o estabelecimento na Palestina de um lar nacional para o povo judeu..."

Promessas aos Árabes

Ao mesmo tempo, os britânicos haviam prometido apoio à independência árabe em troca de sua ajuda contra os otomanos. É como um mediador que promete a mesma propriedade para duas partes diferentes, criando uma expectativa que é impossível de satisfazer para ambos.



Durante o Mandato, a imigração judaica para a Palestina aumentou, especialmente com a ascensão do nazismo na Europa. Isso levou a um crescimento populacional e econômico da comunidade judaica, mas também a uma crescente ansiedade e resistência por parte da população árabe, que via sua terra e sua cultura ameaçadas. Conflitos violentos tornaram-se mais frequentes, e os britânicos lutaram para manter a ordem, muitas vezes recorrendo à força.

A situação se tornou insustentável. A Grã-Bretanha, exausta pela Segunda Guerra Mundial e incapaz de resolver o impasse, decidiu entregar o problema para a recém-criada Organização das Nações Unidas (ONU) em 1947. A ONU, por sua vez, propôs um plano de partilha.

A Partilha da ONU e a Criação de Israel: O Ponto de Não Retorno

Em 1947, a Organização das Nações Unidas (ONU) propôs o **Plano de Partilha da Palestina**. Este plano dividia o território em dois estados independentes: um árabe e um judeu, com Jerusalém sob administração internacional. Para a comunidade judaica, o plano representava a concretização de um sonho milenar e a segurança após o Holocausto. Para os árabes palestinos e os estados árabes vizinhos, era uma injustiça profunda, uma usurpação de terras e uma negação de sua autodeterminação.



Imagine que você tem um terreno que sua família ocupa há gerações, e de repente, uma autoridade externa decide dividi-lo ao meio, entregando uma parte significativa para um grupo recém-chegado, mesmo que este grupo tenha laços históricos com a terra. A reação natural seria de indignação e resistência. Foi exatamente assim que muitos árabes palestinos e seus vizinhos se sentiram. Eles rejeitaram o plano, vendo-o como uma imposição colonial que ignorava a maioria árabe da população.

📖 A **Nakba** (Catástrofe) é a memória coletiva de centenas de milhares de palestinos que foram deslocados ou fugiram de suas casas durante o conflito, tornando-se refugiados em países vizinhos ou em outras partes da Palestina.

A guerra de 1948, portanto, não apenas estabeleceu as fronteiras iniciais de Israel, mas também plantou as sementes de uma crise humanitária e política duradoura.

As Guerras Árabe-Israelenses: Uma Série de Confrontos e Consequências

A proclamação do Estado de Israel em 1948 e a subsequente guerra foram apenas o primeiro capítulo de uma série de confrontos militares que moldariam a região. Pense em um jogo de xadrez de alta aposta, onde cada movimento de um lado provoca um contramovimento do outro, e o tabuleiro (o território) muda a cada rodada. As guerras árabe-israelenses não foram apenas batalhas por terra; foram lutas por existência, identidade e poder regional.

Guerra de 1948

Resultou na vitória de Israel, que expandiu seu território para além das fronteiras propostas pela ONU. A Cisjordânia foi anexada pela Jordânia e a Faixa de Gaza ficou sob administração egípcia. Milhões de palestinos se tornaram refugiados.

Crise de Suez (1956)

Eclodiu quando o Egito nacionalizou o Canal de Suez. Israel, França e Reino Unido lançaram uma invasão, mas a pressão internacional forçou a retirada. Demonstrou a complexidade das alianças e interesses externos na região.

Guerra dos Seis Dias (1967)

Em apenas seis dias, Israel lançou um ataque preventivo contra o Egito, Síria e Jordânia, conquistando a Faixa de Gaza, a Península do Sinai, as Colinas de Golã, a Cisjordânia e Jerusalém Oriental. Essa vitória triplicou o território sob controle israelense.

A **Guerra dos Seis Dias em 1967** foi um divisor de águas. Essa vitória esmagadora triplicou o território sob controle israelense e colocou milhões de palestinos sob ocupação militar, intensificando a questão dos assentamentos e a resistência palestina.

A Guerra do Yom Kippur e a Busca por Reconhecimento

Apesar da derrota em 1967, os países árabes não desistiram de reverter a situação. Em 1973, Egito e Síria lançaram um ataque surpresa contra Israel no dia do Yom Kippur, o dia mais sagrado do calendário judaico. A **Guerra do Yom Kippur** (ou Guerra de Outubro) pegou Israel desprevenido, mas após perdas iniciais, as Forças de Defesa de Israel conseguiram repelir os ataques e contra-atacar.

Essa guerra, embora não tenha resultado em grandes mudanças territoriais permanentes, foi crucial por várias razões. Primeiro, ela quebrou a percepção de invencibilidade israelense, restaurando parte da honra árabe. Segundo, e mais importante, ela abriu caminho para as primeiras negociações de paz significativas entre Israel e um estado árabe. Pense nisso como um momento em que, após várias rodadas de um conflito físico, as partes percebem que a força bruta por si só não trará uma solução duradoura, e a diplomacia começa a parecer uma alternativa viável.

O reconhecimento mútuo e a busca por uma coexistência pacífica tornaram-se o novo horizonte, ainda que distante. A guerra de 1973 demonstrou que, mesmo com vitórias militares, a segurança a longo prazo exigiria mais do que apenas poderio bélico. Exigiria diálogo e, eventualmente, concessões.

Guerra	Ano	Principais Atores	Resultado Principal
Guerra de Independência/Nakba	1948	Israel vs. Estados Árabes	Vitória de Israel, expansão territorial, criação da questão dos refugiados palestinos.
Crise de Suez	1956	Egito vs. Israel, França, Reino Unido	Retirada das forças invasoras sob pressão internacional, nacionalização do Canal de Suez.
Guerra dos Seis Dias	1967	Israel vs. Egito, Síria, Jordânia	Vitória esmagadora de Israel, ocupação da Cisjordânia, Gaza, Golã e Sinai.
Guerra do Yom Kippur	1973	Egito, Síria vs. Israel	Ataque surpresa árabe, contra-ataque israelense, abertura para negociações de paz.

Da Guerra à Paz Tentada: Os Acordos de Camp David

A exaustão das guerras e a percepção de que a solução militar era insustentável levaram a um novo caminho: a diplomacia. O primeiro grande avanço nesse sentido foram os **Acordos de Camp David**, assinados em 1978 entre Israel e Egito, com a mediação do presidente dos EUA, Jimmy Carter. Este foi um momento histórico, marcando a primeira vez que um estado árabe reconheceu formalmente o Estado de Israel.



Imagine que duas pessoas estão em uma briga de décadas, e de repente, uma delas estende a mão para um aperto de paz. É um gesto revolucionário, que exige coragem e uma visão de futuro.

O presidente egípcio Anwar Sadat, ao visitar Jerusalém em 1977 e depois assinar os acordos, quebrou um tabu no mundo árabe, pagando um preço alto por isso (ele foi assassinado em 1981 por extremistas).



Reconhecimento Mútuo

Egito reconheceu formalmente o Estado de Israel, quebrando um tabu no mundo árabe.



Devolução Territorial

Israel devolveu a Península do Sinai ao Egito, demonstrando disposição para concessões territoriais em troca de paz.



Precedente para Paz

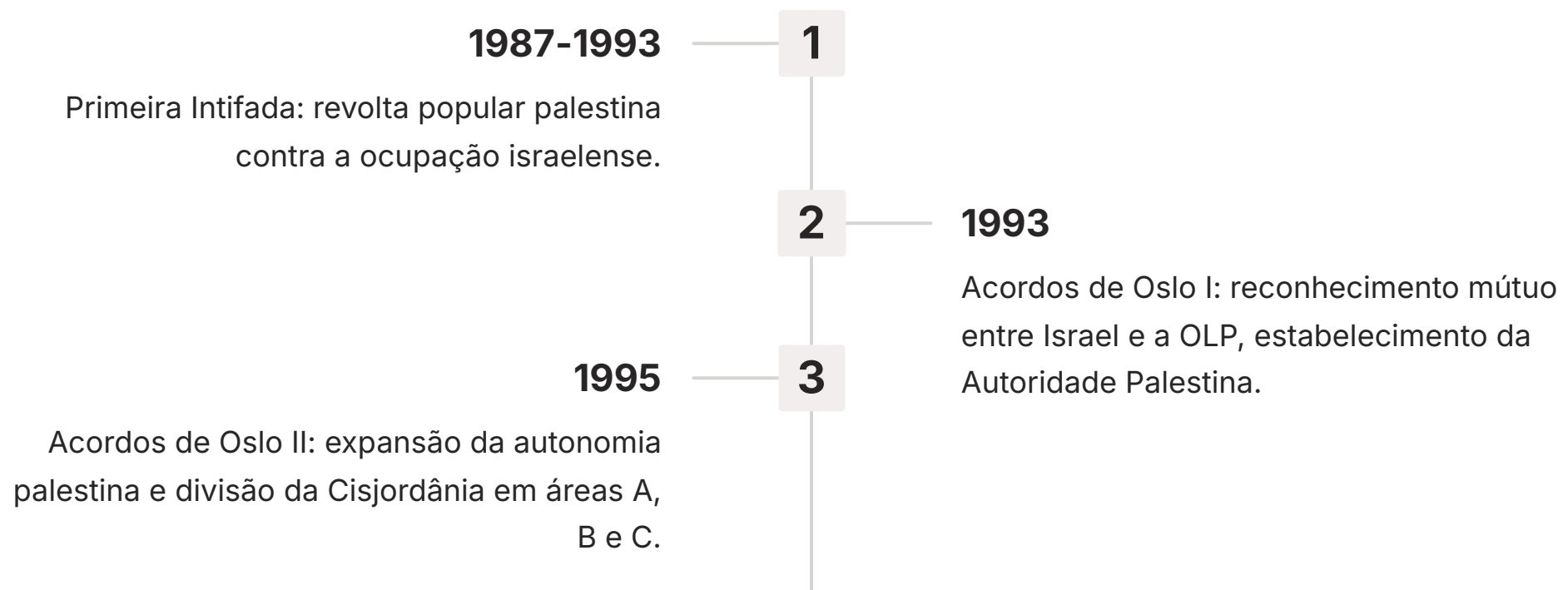
Os acordos demonstraram que a paz era possível e estabeleceram um modelo para futuras negociações.

No entanto, a questão palestina permaneceu sem solução. A Organização para a Libertação da Palestina (OLP), liderada por Yasser Arafat, continuava a lutar pela autodeterminação palestina, muitas vezes por meios violentos. A ocupação israelense dos territórios palestinos e a construção de assentamentos judaicos na Cisjordânia e em Gaza continuavam a ser fontes de tensão e conflito. A paz entre estados não significava paz para os povos.

A Intifada e a Esperança de Oslo: Um Novo Capítulo

A década de 1980 viu a ascensão de uma nova forma de resistência palestina: a **Primeira Intifada** (1987-1993). Intifada, que significa "levantar" ou "sacudir" em árabe, foi uma revolta popular espontânea, caracterizada por protestos, greves e confrontos com as forças de ocupação israelenses, muitas vezes envolvendo jovens palestinos atirando pedras. Foi um grito de desespero e uma demonstração de que a ocupação não seria aceita passivamente.

A Intifada, embora violenta, também trouxe a questão palestina para o centro das atenções globais de uma forma que as guerras anteriores não haviam conseguido. Ela forçou Israel e a comunidade internacional a reconhecer a necessidade de uma solução política para o conflito. Pense em um sistema de alarme que, após anos de ignorância, finalmente dispara alto o suficiente para que todos ouçam e ajam.



Esse contexto de pressão internacional e a necessidade de uma solução levaram a negociações secretas entre Israel e a OLP na Noruega, culminando nos **Acordos de Oslo** em 1993 e 1995. Esses acordos foram um marco histórico: pela primeira vez, Israel e a OLP se reconheceram mutuamente. A OLP renunciou ao terrorismo e reconheceu o direito de Israel de existir, enquanto Israel reconheceu a OLP como a representante legítima do povo palestino.

Os Acordos de Oslo estabeleceram um cronograma para a retirada israelense de partes da Cisjordânia e da Faixa de Gaza e a criação da **Autoridade Palestina (AP)**, um órgão de autogoverno palestino. A esperança era que esses acordos levassem, em cinco anos, a um acordo de paz final e à criação de um estado palestino independente.

Os Desafios Atuais: O Legado de Oslo e a Realidade no Terreno

Apesar da esperança gerada pelos Acordos de Oslo, a paz duradoura nunca se concretizou. O processo de paz estagnou devido a uma série de fatores complexos e interligados. Imagine um carro que começa a andar, mas encontra obstáculos intransponíveis a cada curva, impedindo-o de chegar ao seu destino. Os obstáculos no caminho da paz são profundos e multifacetados.

Assentamentos Israelenses

A construção e expansão desses assentamentos na Cisjordânia e em Jerusalém Oriental, considerados ilegais pela maioria da comunidade internacional, fragmentam o território palestino e tornam a ideia de um estado palestino contíguo e viável cada vez mais difícil.

Status de Jerusalém

Reivindicada por ambos os lados como sua capital, a questão de Jerusalém permanece um dos pontos mais sensíveis nas negociações.

Refugiados Palestinos

A questão dos refugiados palestinos de 1948 e seu direito de retorno continua sendo um ponto de discórdia fundamental.

Divisão Política Palestina

A divisão entre a Autoridade Palestina na Cisjordânia e o Hamas na Faixa de Gaza complicou ainda mais as negociações.

A **Segunda Intifada** (2000-2005), mais violenta e com uso de ataques suicidas, demonstrou a frustração palestina com a falta de progresso e a contínua ocupação. Israel respondeu com operações militares em larga escala, levando a um ciclo de violência que minou a confiança mútua e a crença na possibilidade de uma solução negociada.

A Dinâmica de Poder Regional: Irã, Arábia Saudita e Turquia

O conflito Israel-Palestina não existe em um vácuo; ele está inserido em uma complexa teia de relações de poder no Oriente Médio. Pense na região como um tabuleiro de xadrez gigante, onde vários jogadores poderosos, além de Israel e Palestina, movem suas peças, influenciando o resultado do jogo. Irã, Arábia Saudita e Turquia são alguns desses jogadores-chave, cada um com seus próprios interesses, ideologias e estratégias.

Irã

Emergiu como um ator regional cada vez mais influente após a Revolução Islâmica de 1979. Sua política externa é marcada por uma forte oposição a Israel e aos EUA, e o país apoia grupos como o Hezbollah no Líbano e o Hamas na Faixa de Gaza.



Arábia Saudita

É uma potência sunita e um aliado tradicional dos EUA. Embora historicamente apoie a causa palestina, sua principal preocupação é conter a influência iraniana na região. Recentemente, tem se aproximado de Israel.

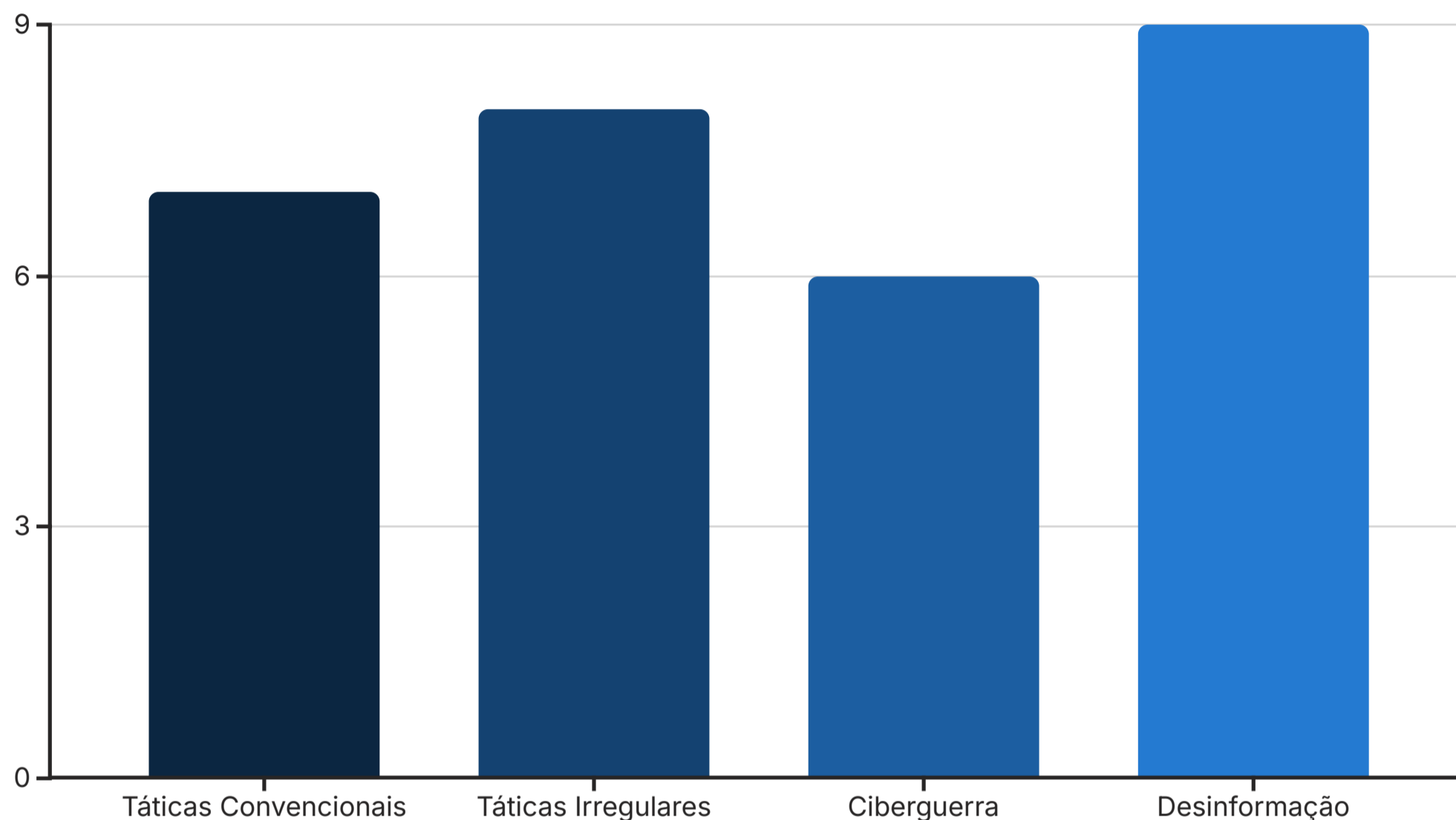
Turquia

Sob a liderança de Recep Tayyip Erdoğan, tem buscado reafirmar seu papel como potência regional, muitas vezes adotando uma postura mais crítica a Israel e mais favorável aos palestinos, especialmente em relação a Gaza.

Os **Acordos de Abraão**, assinados em 2020, formalizaram a normalização das relações entre Israel e alguns países árabes (como Emirados Árabes Unidos e Bahrein), um desenvolvimento significativo que isola ainda mais a causa palestina. Impulsionados por interesses de segurança compartilhados contra o Irã e pela busca por estabilidade econômica e tecnológica, esses acordos representam uma mudança na dinâmica regional.

Conflitos Híbridos e a Nova Face da Guerra

As dinâmicas de poder no Oriente Médio, e o conflito Israel-Palestina em particular, são cada vez mais moldadas por um fenômeno conhecido como **conflitos híbridos**. Imagine que a guerra não é mais apenas um confronto direto entre exércitos em um campo de batalha. Agora, ela se assemelha a um jogo de estratégia complexo, onde se usam táticas convencionais (como tanques e aviões), táticas irregulares (guerrilha, terrorismo) e, cada vez mais, ferramentas de ciberguerra e desinformação.



Essa abordagem multifacetada é evidente em como grupos como o Hamas e o Hezbollah operam, combinando ataques de foguetes com redes de túneis subterrâneos, campanhas de desinformação online e até mesmo o uso de drones. Israel, por sua vez, responde com tecnologia avançada, incluindo sistemas de defesa antimísseis como o Domo de Ferro, operações cibernéticas e inteligência de ponta. É uma corrida armamentista e tecnológica constante, onde a linha entre o militar e o civil, o físico e o digital, se torna cada vez mais tênue.

Aspecto	Táticas Convencionais	Táticas Irregulares	Ciberguerra	Desinformação
Exemplo	Ataques aéreos, operações terrestres.	Ataques de foguetes, túneis, guerrilha.	Ataques a infraestrutura, espionagem digital.	Notícias falsas, propaganda online, manipulação de redes sociais.
Atores	Forças armadas estatais.	Grupos não estatais, milícias.	Atores estatais e não estatais.	Atores estatais e não estatais.
Objetivo	Destruição de capacidade militar.	Desgaste, terror, controle de território.	Interrupção de serviços, coleta de inteligência.	Manipulação da percepção pública, polarização.

A Geopolítica de Recursos Naturais: Água e Energia

Além das questões históricas e ideológicas, a disputa por **recursos naturais** é um motor silencioso, mas poderoso, de tensão no Oriente Médio. Pense em um jogo de tabuleiro onde a posse de certos recursos estratégicos concede uma vantagem decisiva. Na região, a água e a energia (petróleo e gás) são esses recursos, e seu controle é uma fonte constante de atrito e competição.

Água: O Recurso Vital

A **água** é um recurso particularmente escasso e vital no Oriente Médio. O controle de rios como o Jordão e aquíferos subterrâneos é uma questão de segurança nacional para Israel, Jordânia e os palestinos. A Cisjordânia, por exemplo, possui importantes recursos hídricos que são compartilhados e disputados.

A escassez de água, exacerbada pelas mudanças climáticas, pode levar a crises humanitárias e intensificar ainda mais as tensões existentes, transformando a água de um recurso vital em um ponto de conflito.

Essas disputas por recursos não são apenas sobre economia; são sobre soberania, sobrevivência e poder. Elas se entrelaçam com as narrativas históricas e as aspirações nacionais, tornando qualquer solução para o conflito Israel-Palestina ainda mais desafiadora, pois exige não apenas acordos sobre terra e segurança, mas também sobre o acesso e a gestão de bens essenciais para a vida.

Energia: Poder e Influência

A **energia**, especialmente o petróleo e o gás natural, também desempenha um papel crucial. As vastas reservas de petróleo do Golfo Pérsico e as recentes descobertas de gás natural no Mediterrâneo Oriental (próximo à costa de Israel, Egito e Líbano) adicionam outra camada de complexidade.

O controle sobre essas reservas e as rotas de transporte de energia influencia alianças, políticas externas e a dinâmica de poder. Por exemplo, a segurança energética de Israel é uma prioridade, e a exploração de gás no Mediterrâneo tem gerado disputas com o Líbano.

A Ascensão dos Atores Não Estatais: Milícias e Grupos Armados

No cenário complexo do Oriente Médio, a influência não se restringe apenas aos estados. Os **atores não estatais** – grupos armados, milícias, organizações terroristas e até mesmo corporações militares privadas – desempenham um papel cada vez mais proeminente e desestabilizador. Pense em um jogo de futebol onde, além dos times oficiais, há grupos de torcedores organizados que invadem o campo e influenciam o resultado, às vezes de forma imprevisível.



Hamas

Governa Gaza desde 2007, é uma organização islâmica que combina um braço político e social com um braço militar. Sua ideologia rejeita a existência de Israel e busca a libertação da Palestina pela luta armada.



Hezbollah

É um partido político e grupo paramilitar xiita no Líbano, fortemente apoiado pelo Irã, que também se opõe a Israel e tem um arsenal significativo.



Corporações Militares Privadas

O surgimento de PMCs e o envolvimento de milícias locais, muitas vezes com apoio de potências regionais ou globais, adicionam outra camada de complexidade.

Esses grupos não estatais operam fora das estruturas tradicionais de governo, o que torna as negociações de paz mais difíceis, pois não há um único interlocutor claro para o lado palestino. Eles desafiam a autoridade dos estados, criam zonas de instabilidade e, muitas vezes, são responsáveis por ataques que provocam retaliações e escalam a violência.

Esses atores podem ser usados para contornar restrições legais ou políticas, operar em zonas cinzentas e, em última análise, prolongar conflitos e dificultar a responsabilização. A presença desses grupos torna a segurança regional ainda mais volátil e imprevisível.

Conectando os Pontos: O Futuro Incerto e a Necessidade de Análise

Chegamos ao final de nossa exploração sobre a primeira parte da questão Israel-Palestina. Vimos como as raízes históricas, as guerras, as tentativas de paz e a complexa dinâmica regional, agora amplificada por conflitos híbridos, disputas por recursos e a ascensão de atores não estatais, se entrelaçam para formar um dos nós geopolíticos mais apertados do mundo. É como desvendar um novelo de lã emaranhado, onde cada fio puxado revela novas conexões e desafios.



A questão Israel-Palestina não é apenas um conflito local; suas reverberações são sentidas globalmente, influenciando alianças, políticas energéticas e até mesmo a segurança cibernética. A compreensão desses múltiplos fatores é essencial para qualquer análise séria da geopolítica contemporânea. Não há soluções simples, e o caminho para a paz é longo e repleto de obstáculos.

No entanto, a capacidade de analisar esses elementos de forma integrada, reconhecendo a interdependência entre história, política, economia e tecnologia, é o que nos permite ir além das manchetes e formar uma compreensão mais profunda. Isso é crucial para quem busca atuar em áreas como relações internacionais, segurança pública, ou mesmo para quem deseja ser um cidadão mais informado e crítico.

A história não termina aqui. A região do Oriente Médio continua a ser um caldeirão de tensões e transformações. Na próxima aula, aprofundaremos nossa análise, explorando outros conflitos cruciais que moldam a região, como as guerras civis na Síria e no Iêmen, e como eles se conectam com o que vimos hoje. Prepare-se para mais camadas de complexidade e para aprofundar sua capacidade de análise.

Consolidação e Próximos Passos

Nesta aula, desvendamos as complexas camadas da questão Israel-Palestina, desde suas raízes históricas no sionismo e na Nakba, passando pelas sucessivas guerras árabe-israelenses, as tentativas de paz em Camp David e Oslo, até os desafios atuais como os assentamentos e a divisão palestina. Exploramos também como a dinâmica de poder regional, a ascensão de conflitos híbridos, a geopolítica de recursos e a atuação de atores não estatais moldam e complicam esse cenário. Compreender esses elementos é fundamental para uma análise crítica e informada.

Em prática:

- Analise notícias sobre o Oriente Médio, identificando os atores estatais e não estatais envolvidos.
- Observe como a questão da água ou energia é mencionada em contextos de tensão regional.
- Reflita sobre como a desinformação pode influenciar a percepção pública sobre o conflito.
- Considere as implicações dos Acordos de Abraão para a causa palestina.

Autoavaliação

1. Qual evento é considerado o marco inicial da primeira Guerra Árabe-Israelense e é conhecido pelos palestinos como a Nakba?
 - a) A assinatura dos Acordos de Oslo.
 - b) A Declaração Balfour de 1917.
 - c) A proclamação do Estado de Israel em 1948.
 - d) A Guerra dos Seis Dias em 1967.
2. Os Acordos de Camp David (1978) foram significativos por qual razão principal?
 - a) Estabeleceram um estado palestino independente.
 - b) Resultaram no reconhecimento mútuo entre Israel e a OLP.
 - c) Marcaram o primeiro tratado de paz entre Israel e um estado árabe (Egito).
 - d) Puseram fim à Segunda Intifada.
3. Qual das seguintes tendências contemporâneas NÃO foi destacada como um fator que complexifica os conflitos no Oriente Médio?
 - a) Análise de Conflitos Híbridos.
 - b) Geopolítica de Recursos Naturais.
 - c) Impacto da Tecnologia (IA, drones, desinformação).
 - d) Aumento da cooperação econômica regional sem tensões.
4. A expansão dos assentamentos israelenses na Cisjordânia é um dos principais desafios atuais para a paz porque:
 - a) Fortalece a Autoridade Palestina.
 - b) Fragmenta o território palestino e dificulta a criação de um estado contíguo.
 - c) É apoiada por todos os países árabes.
 - d) Reduz a necessidade de recursos hídricos na região.
5. Explique brevemente como a atuação de atores não estatais, como o Hamas e o Hezbollah, impacta a dinâmica do conflito Israel-Palestina e a busca por uma solução de paz. (Esperado: 3-5 linhas)

Gabarito

Questão 1

Resposta: c) A proclamação do Estado de Israel em 1948.

Questão 2

Resposta: c) Marcaram o primeiro tratado de paz entre Israel e um estado árabe (Egito).

Questão 3

Resposta: d) Aumento da cooperação econômica regional sem tensões.

Questão 4

Resposta: b) Fragmenta o território palestino e dificulta a criação de um estado contíguo.

Questão 5

Resposta: A atuação de atores não estatais como Hamas e Hezbollah complexifica o conflito ao introduzir múltiplos centros de poder e agendas, muitas vezes divergentes das autoridades estatais. Eles operam fora das estruturas diplomáticas tradicionais, utilizam táticas irregulares e podem ser responsáveis por escaladas de violência que minam os esforços de paz, dificultando a identificação de um interlocutor único e a implementação de acordos.

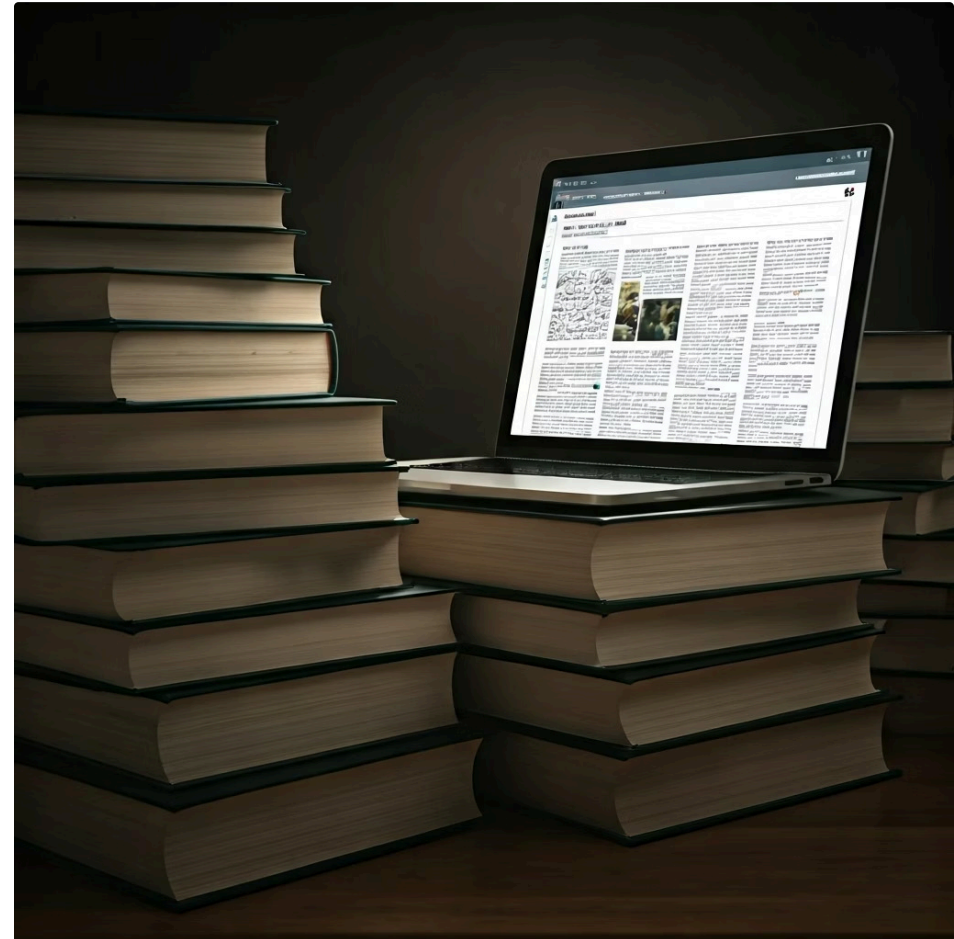
Próxima Aula e Recursos Adicionais

Próxima Aula:

Aula 16 – Conflitos no Oriente Médio (Parte 2): Guerra Civil na Síria e no Iêmen. Continuaremos nossa análise, explorando outros focos de tensão e suas interconexões.

Recursos Adicionais:

- **Livro:** "O Conflito Israel-Palestina" de Ilan Pappé – para uma perspectiva histórica aprofundada.
- **Documentário:** "Promessas" (Promises) – para entender o conflito sob a ótica de crianças de ambos os lados.
- **Artigos acadêmicos recentes:** Busque por "Conflitos Híbridos Oriente Médio" em bases de dados como Scielo ou Google Scholar – para análises atualizadas.



📄 **NOTA IMPORTANTE:** As informações regulatórias/legais/técnicas desta aula estão atualizadas até 2025. Consulte sempre fontes oficiais para verificar alterações.